

A EMERGÊNCIA DE UMA SUBJETIVIDADE UNDERGROUND EM TERESINA

Danielle dos Santos Cunha (bolsista do PIBIC/CNPq), Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador, Depto de Geografia e História – UFPI)

Até que ponto a trajetória fílmica desses jovens em estudo se confunde com a trajetória traçada por eles nas praças, nos bares e nas gramas de Teresina e podem servir como objeto de análise para trazer a tona as suas subjetividades subterrâneas? A filmografia marginal, também conhecida como “Espectro Torquato Neto”, nos serve como documento na medida em que traz em si subjetividades diluídas nos filmes rodados nos anos 70 em Teresina. Dessa forma são desenvolvidas pesquisas que tomam essa filmografia para revelar as identidades dos jovens que tinham comportamentos diferentes dos padrões produzidos e reproduzidos por subjetividades reacionárias e pelas mais diversas instituições e que reagiam e agiam de formas diversas no contexto diário na capital piauiense.

As subjetividades subterrâneas, ou underground, de uma parcela “marginal” da sociedade piauiense de então emergem nesses filmes, provocando fissuras e rachamentos na pseudo homogeneidade passiva de uma sociedade ainda tradicional para fixarem, ainda que de forma fugaz, espaços, comportamentos, linguagens e identidades, se não subversivas ao menos transgressoras no espaço racionalizado e ordenado segundo discursos de saber e poder das instituições civis, militares, e do próprio sistema educacional, capitalizados por subjetividades reacionárias. Buscavam, pela apreensão de um objeto largamente utilizado pelas famílias, a enunciação de desejadas vidas e ideais, realidade que escapava da opressão característica da sociedade piauiense. Se a ditadura bloqueava espaços, movimentos, atitudes a câmera liberava caminhos e concedia liberdade de expressão aos anseios dos jovens. Não que transgredir a ordem estabelecidas pelas mais diversas instituições fosse tarefa exclusiva dos filmes, mas antes de tudo uma forma de praticar a realidade a partir da criação de outras, sob o arco-íris da psicodelia.

Dessa forma a pesquisa foi ganhando também ares de experimentalismo na medida em que tinha como fonte primária os filmes e o principal instrumento seriam os meus sentidos de expectadora-historiadora. Se foi possível captar as subjetividades subterrâneas, ou underground, nos filmes o desafio estava em capturá-las no cotidiano desses jovens que negavam o rótulo de undergrounds. Os levantamentos de entrevistas já feitas em trabalhos monográficos e em dissertações também foram de grande importância, pois juntamente com o jornal o “Gamma”, alargou-se o conhecimento que se tinha da juventude em busca de individuação de sua subjetividade num espaço perpassado por costumes e comportamentos “quadrados” e por subjetividades reacionárias.

Os filmes eram seus slogans, suas bandeiras. Para não optarem e tomarem partido na dicotomia política do período, direita ou esquerda, eles manifestavam suas intenções nas práticas que faziam do cotidiano; seja no uso do corpo (erotizando, usando drogas, fugindo dos discursos higiênicos e dos parâmetros de sanidade), como micro-resistências lutando por espaços e por individualidade e laços de identidade, ainda que impregnadas de psicodelia e

escondidas num turbilhão de imagens/ações embalados pelas músicas, do rock progressivo à bossa nova, marcas incontestáveis dos filmes experimentais piauienses.

Palavras chave: Cinema. Subjetividade. Teresina.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. **História: a arte de inventar o passado** In: Caderno de História, vol. 2, n. 1, Natal, Editora da UFRN, 1995;

BEZERRA, J. P. **Anos 70: Por que essa lâmina nas palavras?** (Antiestética marginal & geração mimeógrafo no Piauí). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993;

BRITTO, J. M. de. **Atentados poéticos**. Recife: Edições Bagaço, 2002;

BRITTO, J. M. **Bordel Brasilírico Bordel: antropologia ficcional de nós mesmos**. Recife: Comunicarte, 1992;

CASTELO BRANCO, E. de A. **Todos os dias de paupéria. Torquato Neto e a invenção da tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005;

CASTELO BRANCO, E. de A. **Desfamiliarizar o presente e solapar sua certeza: receitas de Michel Foucault para uma escrita subversiva da História**. In: _____. et. al. *Histórias: Cultura, Sociedade, Cidades*. Recife: Edições Bagaço, 2005;

CASTELO BRANCO, E. de A. **Fotogramas táticos: o cinema marginal e suas táticas frente às formas dominantes de pensamento**. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.) *História e Historiografia*. Recife: Edições Bagaço, 2007;

CASTELO BRANCO, E. de A. **Destruir a linguagem e explodir com ela: a experiência do cinema marginal em Torquato Neto**. Scientia et spes, Teresina, Instituto Camilo Filho, ano 1 vol. 1, 2002. p. 11-30;

CASTRO, E. M. de M. e. A **Revolução da Linguagem e a linguagem da revolução**. In: Revista Vozes. Rio de Janeiro, ano 68, nº 06, agosto de 1974;

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994;

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 35. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008;

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005;

FILMES CONSULTADOS

CORAÇÃO MATERNO. Haroldo Barradas, Teresina, 1974. 14 minutos. Cor/Som.

DAVI VAI GUIAR. Durvalino Couto Filho, Teresina, 1972. 18,5 minutos. Cor/Som.

MISS DORA. Edmar Oliveira, Teresina, 1974. 13 minutos. Cor/Som.

O TERROR DA VERMELHA. Torquato Neto, Teresina, 1972. 28 minutos. Cor/Som.

PORENQUANTO. Carlos Galvão, Rio de Janeiro, 1973. 26 minutos. Cor/Som.

TUPI-NIQUIM. Xico Pereira, Rio de Janeiro, 1974. 17 minutos. Cor/Som